

VIKINGS E SIMULACROS: A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E SIMULAÇÕES MIEVAIS PELA CULTURA DE MASSA)¹

Elton Oliveira Souza de Medeiros²

Resumo: O interesse em compreender o uso da Idade Média como forma de legitimar posições ideológicas é cada vez mais evidente, refletindo o interesse do mundo acadêmico em esclarecer os possíveis equívocos e como ocorre a recepção desse medievalismo. Como um estudo de caso, pretendemos trabalhar com a recepção dos vikings em nossa sociedade. A idealização que temos sobre os vikings na mídia hoje surge no século XIX e apesar de sua inspiração nos tempos medievais, não se preocupa com a precisão histórica. Sua concepção e desenvolvimento precede a importância da realidade histórica que a inspira, criando novas realidades, com narrativas e discursos próprios e, nosso foco aqui, seguiria o conceito de simulacros e simulações de Jean Baudrillard em nossa cultura de massa. A partir disso pretendemos questionar como o ambiente acadêmico aborda hoje o problema de tal recepção e quais seriam as novas maneiras de fazê-lo.

Palavras-chave: Vikings; Cultura de Massa; Jean Baudrillard.

VIKINGS AND SIMULACRA: THE CONSTRUCTION OF NARRATIVES AND MEDIEVAL SIMULATIONS BY MASS CULTURE

Abstract: The interest to understand the use of the Middle Ages as a way of legitimizing ideological positions is increasingly evident, reflecting the interest of the academic world in clarifying possible misinterpretations and how the reception of this medievalism occurs. As a case study, we intend to work with the reception of Vikings in our society. The idealization we have about Vikings in the media today emerges in the 19th century and despite its inspiration in medieval times, it is not concerned with historical precision. Its conception and development precedes the importance of the historical reality that inspires it, creating new realities, with its own narratives and discourses and would follow Jean Baudrillard's concept of simulacra and simulations in our mass culture, the focus of this article. Based on this, we intend to question how the academic environment today perceives the problem of such reception and new possibilities to address it.

Keywords: Vikings; Mass Culture; Jean Baudrillard.

Introdução

Em março do ano de 2013 ocorria a estreia da série televisiva *Vikings*, produzida pelo canal *History Channel*.³ Esperada com muito entusiasmo, a série

¹ Devemos agradecer a Larissa F. S. L. Macedo, Luciano de Souza e a Vinicius Cesar Dreger de Araújo pela leitura de uma versão prévia deste artigo e a discussão sobre conceitos, nomenclaturas e reflexões em certos pontos específicos do texto. Quando não explicitado, todas as traduções de outros idiomas para o português são de nossa autoria.

² Pesquisador de pós-doutorado da FFLCH-USP e docente do Centro Universitário Sumaré. Email de contato: eosmedeiros@alumni.usp.br

³ Informação do site IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2306299/>. Acesso em: 19/06/2020.

obteve sucesso o bastante para sobreviver até a atualidade da escrita deste texto contando com um total de seis temporadas e a promessa de uma sétima. Dois anos mais tarde, em 2015, outra série chegava às telas, *The Last Kingdom*, inicialmente produzida pela BBC,⁴ que também obteve sucesso de público o suficiente para continuar em produção e contar com quatro temporadas até o momento. *The Last Kingdom* toma por base de seu roteiro a ficção histórica do escritor Bernard Cornwell em sua série de livros *Saxon Stories*, ambientada no contexto da Inglaterra dos séculos IX e X sobre o confronto entre os anglo-saxões e invasores vikings. A série *Vikings*, por sua vez, tem sua trama baseada no roteiro original de seus produtores, inspirado de forma geral – e mesmo superficial – no contexto de uma suposta Escandinávia e Europa medieval da Alta Idade Média. Em ambos os casos, com menores ou maiores imprecisões históricas, podemos inferir que os objetivos primordiais das produções foram o entretenimento e buscar o mais amplo alcance de público, independentemente de seus espectadores/consumidores já terem conhecimento ou não sobre quem ou o quê eram os vikings.

A palavra “viking”⁵ há muito passou a ser utilizada de forma indiscriminada a partir do século XVIII e ao longo dos séculos XIX, XX e início do XXI tanto pelo público em geral quanto pelo acadêmico e com significados e propósitos dos mais

⁴ Informação do site IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt4179452/>. Acesso em: 19/06/2020).

⁵ Não iremos aqui nos aprofundar sobre o debate etimológico da palavra “viking” por extrapolar os propósitos desse trabalho e também pelo fato do assunto já ter sido abordado exaustivamente por outros autores. Neste sentido, como uma referência ao leitor, deixamos como indicações mais atualizadas: BRINK, Stefan. Who were the Vikings?. In: __; PRICE, Neil. **The Viking World**. Abington: Routledge, 2008. p. 4-7; KRÜGER, Jana. **"Wikinger" im Mittelalter: die Rezeption von víkingr m. und víking f. in der altnordischen Literatur**. Berlin: De Gruyter, 2008. Contudo, é importante esclarecer que o termo “viking”, em seu contexto medieval, de modo algum fazia referência a qualquer tipo de povo, civilização ou nação. O termo quando empregado na maior parte das fontes históricas medievais é utilizado com um objetivo muito claro: a identificação de inimigos, ladrões, saqueadores e piratas. Isto significa que nem todos os escandinavos do período eram vikings e nem todos os vikings eram necessariamente escandinavos. Ver também: MUCENIECKS, André. Notas sobre o termo *viking*: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia**, Natal, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2010; MEDEIROS, Elton O. S. Dinamarqueses, Daneses ou Vikings? Problemas Metodológicos e Identitários na Alta Idade Média Inglesa. **Roda da Fortuna**, 2021 (no prelo). Em nosso atual artigo quando o termo surgir entre aspas (“vikings”), de forma geral, estaremos fazendo referência ao seu emprego contemporâneo de idealizações e supostas ligações e evocações ao passado medieval, e quando estiver sem aspas estaremos nos referindo ao seu uso pelo meio acadêmico e vinculado ao contexto histórico do medievo.

diversos e por grupos dos mais variados.⁶ Em nossa contemporaneidade, e principalmente no âmbito da cultura de massa,⁷ o termo passou a se referir a algo que vai muito além dos grupos de suposta origem escandinava durante os séculos VIII e XI que atuavam nas mais diversas regiões do mundo medieval. Hoje em dia é comum nos depararmos com construções terminológicas como “povo viking”, “cultura viking”, “mitologia viking”, “sociedade viking”, “civilização viking”, “estudos vikings”, entre outros. Um exemplo claro disso é a publicação em 2011 da tradução da Edda Poética feita por Andy Orchard.⁸ Na capa de sua primeira edição pela editora Penguin podemos ver o detalhe da imagem da pedra rúnica de Ramsundsberget (Suécia) com a representação do herói Sigurd matando o dragão e logo abaixo o título: “*The Elder Edda: A Book of Viking Lore*”.⁹ Do ponto de vista acadêmico, a escolha do subtítulo do volume é digna de questionamentos. Contudo, podemos supor que tal escolha tenha como seu foco não o mundo acadêmico, mas claramente chamar a atenção do mercado para atingir o maior número possível de consumidores/leitores leigos interessados em tudo que tenha alguma ligação com o “universo dos vikings”. Vikings que na atualidade se tornaram um objeto de consumo e cujo interesse em se apropriar de um produto como esse não repousa na historicidade que o termo carrega, mas no que ele projeta e simula dentro do contexto atual ao público – como é o caso das séries supracitadas.

No presente artigo, iremos abordar a problemática a respeito do uso do termo “viking” pela atualidade a partir de uma reflexão do conceito de Jean Baudrillard a respeito da existência de simulacros atuando na cultura de massa de nossa sociedade contemporânea. Em sua obra *Simulacros e Simulação* de 1981 Baudrillard apresenta o conceito de simulacros não como simples tentativas de

⁶ Para maiores informações a respeito do debate específico e mais aprofundado sobre o tema nos séculos XVIII e XIX, recomendamos: WAWN, Andrew. **The Vikings and the Victorians**. Suffolk: DS Brewer, 2000.

⁷ Referente ao termo e conceito de “cultura de massa” nos baseamos principalmente no aparato metodológico a partir de HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006, ao pensarmos nessa cultura de massa vinculada ao que podemos chamar de uma indústria cultural, analisada em termos de sua forma, importância enquanto mercadoria, seus efeitos psicológicos e a ideologia capitalista. Neste sentido, ligada à proposta do uso e consumo da ideia de “viking”, como apresentado em nosso artigo.

⁸ ORCHARD, Andy. **The Elder Edda: A Book of Viking Lore**. Londres: Penguin, 2011.

⁹ Em uma tradução livre, “A Edda Antiga: Um Livro de **Saberes Viking**” (grifo nosso).

reprodução de algo, como uma cópia ou formas de se mascarar uma realidade. Desde sua epígrafe inicial na obra o autor deixa claro que a ideia do simulacro é ser verdadeiro dentro de sua proposta. Tomemos o exemplo utilizado por ele – a partir do texto de Jorge Luis Borges – a respeito da ideia de que um mapa não é o território, mas sua representação é dependente dos dados e informações contidas no último. Na lógica do simulacro de Baudrillard essa ideia é subvertida e o território já não precede o mapa, nem sobrevive a ele. O mapa agora é que precede o território e mesmo que tenha existido, à princípio, uma real ligação entre ambos, o que passa a importar é a realidade engendrada pelo simulacro através de sua simulação. A simulação do simulacro, do mapa, se torna o “novo real” (uma hiper-realidade) e é dentro dela que poderemos encontrar a existência de vestígios do território.¹⁰

Inicialmente, o que teríamos seriam os vikings dentro do contexto medieval, e, a partir do século XIX, a idealização moderna/contemporânea sobre eles. Em princípio, pode-se pensar na relação entre ambos de forma que, enquanto o primeiro seria a realidade histórica, o segundo seria sua mera tentativa de representação¹¹ – sofrendo maiores ou menores deturpações ao longo dos séculos. Assim, teríamos a mesma lógica do mapa (sobre os vikings) na proposta de representação de um território (histórico). Entretanto, é essa linha de raciocínio que pretendemos demonstrar como problemática. Neste sentido, portanto, não iremos nos concentrar em demonstrar os pontos falhos ou equivocados que o ideal a respeito dos vikings na atualidade possui em relação a realidade histórica da Alta Idade Média, pois à luz da lógica dos simulacros de Baudrillard tal abordagem perde completamente seu propósito – abusando da intertextualidade, estabelecer tal confronto seria gritar contra moinhos de vento no “deserto do real”.

O ideal que irá surgir sobre os vikings no século XIX de fato irá buscar elementos históricos para seu embasamento. Contudo, ele não será uma simples tentativa de reprodução ou representação de um passado. O que teremos será a composição de um simulacro sobre os vikings que perdurará até os dias de hoje.

¹⁰ BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991. p. 7-9.

¹¹ Nesse sentido, no que diz respeito às representações e o campo da História, recomendamos um debate mais aprofundado em CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

Simulacro que já não depende e nem pretende ser uma representação histórica do passado, pois isso iria até mesmo contra seus interesses. O simulacro viking contemporâneo, como no exemplo utilizado anteriormente, subverte a lógica da relação “mapa-território” e passa a existir precedendo a realidade histórica medieval, proporcionando novas narrativas – simulações – que estejam alinhadas aos propósitos do cenário no qual esteja inserido.

Desta forma, propomos abordar a construção do ideal sobre os vikings em nossa contemporaneidade como um simulacro de nossa cultura de massa que manifesta diferentes simulações em dois momentos distintos, tendo como marco de transformação o fim da Segunda Guerra Mundial: uma simulação que surge no século XIX (que chamaremos de “simulacro viking romantizado”) e uma simulação a partir da segunda metade do século XX (que chamaremos “simulacro neo-viking”). A partir de então pretendemos estabelecer um paralelo entre esses momentos e ao mesmo tempo reforçar a importância da reflexão acerca do cuidado ao se trabalhar com certas denominações, signos e nomenclaturas e a necessidade constante de sua contextualização.

Chifres & Elmos: uma breve arqueologia de uma ideia

Em 1875, na Alemanha, Carl Emil Doepler era o responsável por criar as fantasias dos atores para a primeira montagem de *O Anel dos Nibelungos*, de Richard Wagner, que viria a ocorrer na Baviera no ano seguinte. Para essa tarefa Doepler se voltou para fontes históricas que pudessem lhe servir de inspiração para a caracterização das personagens, o que naturalmente o levou, pode-se dizer, a buscar a *Germania* de Tácito. Ao tomar contato com a obra, Doepler também se deparou com o aparato crítico que havia se desenvolvido em torno da fonte ao longo dos séculos. É nesse momento que os problemas com chifres, elmos e o simulacro sobre vikings ícones da civilização germânica ganharão os palcos da sociedade ocidental de forma pungente.

Desde o século XVI que a obra de Tácito e outras consideradas de temática relacionada com a história da Alemanha passavam por interpretações e serviam à construção de novas narrativas históricas. No capítulo seis de sua *Germania*, Tácito fala a respeito dos equipamentos utilizados pelos antigos germanos e diz

simplesmente que *vix uni alterive cassis aut galea*.¹² Entretanto, nas primeiras edições da *Germania* nos séculos XVI – XVII serão estabelecidos paralelos entre os germanos de Tácito e outros autores clássicos como Diodoro Sículo, ao falar dos gauleses (que dirá que eles usavam elmos de bronze com grandes aparatos, como chifres, para fazê-los parecer mais altos, e com imagens de pássaros e animais) e Plutarco sobre a tribo dos cimbrós, onde hoje seria a atual Dinamarca e norte da Alemanha (usando o mesmo tipo de indumentária nos elmos). Todos esses elementos irão contribuir para que já no século XVI tivesse se estabelecido uma tradição que partia do pressuposto de que, quando tais fontes históricas e seus autores falassem sobre gauleses e celtas, eles também estivessem se referindo aos germanos ou ainda que os autores teriam se confundido e na verdade estariam falando a todo momento sobre os germanos, acreditando se tratarem de gauleses e celtas.¹³

Ao longo do século XVII e XVIII essa corrente interpretativa ganhará cada vez mais força em território germânico, em uma ânsia de mesclar todas as populações bárbaras do passado do norte da Europa em um único e grande caldeirão cultural, o que irá gerar falácias científicas e de viés político como a ideia de um “pangermanismo” – que iremos abordar em maiores detalhes mais à frente – no século XIX. E será com essa mescla de elementos e interpretações que Carl Doepler irá entrar em contato quando da montagem das obras de Richard Wagner; e assim teremos heróis e heroínas míticos germânicos portando elmos com chifres ou asas.¹⁴

¹² “apenas um ou outro possuía um elmo de metal ou couro”; Tácito, *Germania*, capítulo 6. Cf. TÁCITO. **The Agricola and the Germania**. Londres: Penguin, 1970. p. 106.

¹³ FRANK, Roberta. The Invention of the Viking Horned Helmet. In: DALLAPIAZZA, Michael; HANSEN, Olaf; MEULENGRACHT-SØRENSEN, Preben; BONNETAIN, Yvonne S. **International Scandinavian and Medieval Studies in Memory of Gerd Wolfgang**. Trieste: Edizioni Parnaso, 2000. p. 204.

¹⁴ Entretanto, isso não seria necessariamente uma novidade na Europa. Esse tipo de representação irá impregnar o imaginário social do período desde ao menos o século XVII. Por exemplo, por volta de 1639, em uma pintura encomendada pelo rei Christian IV da Dinamarca, a respeito da história de seu país, temos a representação do sacrifício de um animal sendo realizado por uma sacerdotisa idosa usando um elmo com chifres (e até mesmo óculos!). Em um dos livros de Daniel Casper von Lohenstein, de 1689, temos na primeira página a ilustração de um guerreiro germânico de posse de escudo e um elmo com chifres. Enquanto isso, na obra de Sabine Baring-Gould, já no século XIX, a respeito da história da Alemanha, temos a representação de bárbaros – teutões e cimbrós – descendo os Alpes em direção à Itália em 133 a.C. e a descrição da imagem dizendo que cabeças de

O interesse e a chegada dos vikings ao debate que ocorria sobre a caracterização dos germanos ocorre a partir do momento em que estudiosos de regiões como a Inglaterra e Alemanha no século XIX passam a se interessar por tudo que dizia respeito ao passado da Escandinávia, vista como uma extensão natural da história nacional de seus próprios países. Algo característico do romantismo do Oitocentos e também como um tipo de “colonialismo histórico” inglês e alemão sobre os escandinavos.

Para os ingleses, a relação com o passado escandinavo era ao mesmo tempo de aversão e atração. Em um momento de consolidação de uma identidade nacional inglesa e principalmente britânica, os escandinavos¹⁵ por vezes eram retratados como bárbaros primitivos que aterrorizaram a Inglaterra medieval, que acabou sendo salva por figuras históricas elevadas a ícones nacionais como o rei Alfred, o Grande (849 – 899). Já em outros momentos esses mesmos escandinavos eram vistos como um dos elementos fundadores não apenas da Inglaterra, mas do Império Britânico, unindo-os ao passado céltico/bretão por meio de uma ideia de uma “raça nórdico-saxã” e, portanto, “viking” – o que se encaixava à época com os ímpetus britânicos vitorianos expansionistas e colonizadores além-mar.¹⁶

No caso alemão, um ótimo exemplo é o que acontecerá envolvendo o poema *Beowulf*. Ao longo do século XVIII e início do XIX uma tradição de estudos sobre o poema anglo-saxônico estava se desenvolvendo na Escandinávia, principalmente na Dinamarca. Para esses estudiosos, *Beowulf* era visto como uma obra pertencente e original do mundo escandinavo que ao longo da Idade Média foi levado para a Inglaterra. Ao mesmo tempo, na Alemanha, pesquisadores como Heinrich Leo afirmavam que o texto era na verdade alemão, como se pode ver no título de sua tradução do poema, de 1839: *Bëowulf, dasz älteste Deutsche, in angelsächsicher Mundart erhaltene, Heldengedicht*.¹⁷

lobos e ursos e bois eram vistos em seus elmos e outros com asas abertas de águias amarradas aos seus capacetes. Cf. FRANK, Roberta. *Op. Cit.*, p. 203-204.

¹⁵ Partindo-se do pressuposto de que todos os ataques vikings que ocorreram na Inglaterra nos séculos IX ao XI eram de fato compostos por escandinavos.

¹⁶ BIRRO, Renan M. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a Era Viking. *Revista Nearco*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 228-254, 2013. p. 236 – 241.

¹⁷ “*Beowulf, o mais antigo poema heroico alemão, composto no dialeto anglo-saxão*”. Este caráter nacional dos estudos escandinavos em relação a *Beowulf* também se manifestava no estudo do idioma em que o poema havia sido composto: o inglês antigo. Os estudiosos dinamarqueses da

Uma explicação para esse fenômeno de cooptação do passado escandinavo pelos germânicos seria a ideia de que, para os alemães oitocentistas, todas as nações deveriam ter uma era mitológica heroica – os ingleses já tinham Rei Arthur e seus cavaleiros, por exemplo. Portanto, a Alemanha também deveria ter a sua própria e assim eles a tomaram dos escandinavos, no ímpeto de se apropriar de tudo que fosse considerado detentor de raízes germânicas. Desta forma, todo o norte da Europa e em especial a Escandinávia acabaram absorvidos em uma ideia de uma *Germania germanicissima*, a um “pangermanismo” – como havíamos citado anteriormente.¹⁸ A partir dessa assimilação da Escandinávia e de seu passado antigo e medieval temos também a assimilação dos vikings, que passam a ter sua construção imagética fundida com as interpretações sobre os antigos germanos.

Enquanto isso, na Escandinávia durante os séculos XVI – XVII e até início do XVIII, em regiões como a Dinamarca e Suécia, o “passado viking” – visto como primitivo e bárbaro, vinculado à Idade Média e portanto a um período sombrio, de trevas e ignorância – será deixado de lado em razão da valorização de elementos históricos que de alguma forma exaltassem a ligação do mundo escandinavo com o mundo clássico greco-latino, de forma a integrar seus povos a uma grande história da civilização ocidental.¹⁹ Na segunda metade do século XVIII, contudo, esse passado medieval e bárbaro se torna atraente justamente por se opor à civilização moderna e ao racionalismo do Iluminismo.

época, por exemplo, afirmavam – de forma completamente equivocada – que o inglês antigo era na verdade o antigo dinamarquês; um idioma que havia se mantido puro através do islandês, mas que no passado era o mesmo idioma utilizado pelos ingleses e pelos escandinavos durante a Idade Média. De qualquer maneira, para os escandinavos o estudo do idioma anglo-saxônico se fazia necessário e obrigatório por ser, segundo a concepção do período, o idioma ancestral a todos eles. Principalmente com estudos voltados à língua e aos textos poéticos, como forma de recuperar uma cultura nacional e seus passados nacionais gloriosos. Além de se impor como um tipo de barreira intelectual contra as apropriações realizadas pelos alemães, que consideravam o inglês antigo na verdade como o idioma alemão, levado por seus antepassados saxões para a Inglaterra na Alta Idade Média. Cf. MEDEIROS, Elton O. S. O que *Beowulf* tem a ver com Cristo? Reflexões sobre abordagem e problemática metodológica. **Revista Signum**, v. 20, n. 1, p. 135-162, 2020. p. 142-143.

¹⁸ FRANK, Roberta. *Op. Cit.*, p. 202.

¹⁹ Entre outros autores que irão compor obras exaltando a cultura e a civilização escandinava como algo superior – tentando se afastar daquilo que enxergavam como primitivo e inferior que seria a Era Viking – temos o sueco Olof Rudbeck, por exemplo. Entre os anos de 1679 – 1704 ele irá publicar sua obra em quatro volumes, *Atlantica*. Nela tentará provar que a Suécia não era apenas o berço dos povos godos que se espalharam pela Europa, mas que também era responsável pela cultura grega e romana e que era idêntica com a Atlântida, como descrita por Platão. Cf. LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and Legend. In: SAWYER, Peter. **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 232-233.

A partir da influência que vinha do continente e, principalmente, da Inglaterra – fomentada entre círculos de artistas e literatos –, seguindo o modelo do “bom selvagem” de Rousseau, um “passado viking” passa a ser admirado. A ideia de violar e se rebelar contra os padrões convencionais de harmonia, comedimento e racionalidade iluminista ganha força através da idealização de uma produção artística selvagem, de uma poesia bárbara e arcaica. Para tal empreitada não será mais o mundo da antiguidade clássica sua fonte inspiradora, mas a literatura dos antigos celtas, dos anglo-saxões (daí o interesse por *Beowulf*) e “dos tempos dos vikings” (com as Eddas, as sagas e na Noruega também o interesse pela *Heimskringla*). Povos que, segundo tais intérpretes, não haviam sido domesticados e corrompidos pela civilização moderna, e cujos méritos se encontravam no fato de serem de natureza rústica e gozar de suas paixões e instintos de forma verdadeiramente plena e legítima. Isso levará a uma maior valorização de fontes históricas medievais – especialmente de perfil literário e seu conteúdo lendário e mitológico – como forma de exaltação desse passado bárbaro idealizado em total comunhão com valores que enfatizavam tradições populares e sua relação harmônica com a natureza.



Figura 1 - Membros da elite da sociedade sueca fantasiados de “vikings” para uma festa em Estocolmo em 1869 (Disponível em: LÖNNROTH, Lars. Op. Cit., p. 241)

Com as derrotas militares dos países da Escandinávia para outros países no início do século XIX – o bombardeio de Copenhague em 1807 pelos britânicos e a perda da Suécia do território da Finlândia para a Rússia em 1809 – a veneração de um “passado viking” não ficará mais restrita à manifestação artística, mas se tornará também um elemento chave na construção de uma identidade nacional e da esfera política. A ideia de um “viking” moderno será acolhida pela elite burguesa escandinava (figura 1) que irá se interessar pelo assunto a ponto de surgirem círculos intelectuais onde as pessoas irão se reunir para compor e encenar poemas e obras evocando o mesmo estilo literário das obras em nórdico antigo, nomes de divindades e heróis das sagas serão utilizados comercialmente em empresas e estabelecimentos comerciais, um “estilo viking” de arquitetura será utilizado na decoração de interiores e restaurantes promoverão festas temáticas “viking” onde será servido aos convidados hidromel para se beber em chifres. Tudo como forma de reforçar que eles seriam os descendentes diretos dos antigos “vikings” medievais.²⁰



Figura 2 – Caricatura de década de 1920, por George Grosz, satirizando a adoração da burguesia alemã pelos vikings e pela mitologia nórdica; na imagem um empresário alemão e sua família chegando ao Valhalla (Disponível em: LÖNNROTH, Lars. Op. Cit., p. 245).

De volta à Alemanha oitocentista, com o sucesso das peças de Richard Wagner, todo esse ideal a respeito dos germanos que havia sido construído desde o século XVI e seu vínculo na assimilação e caracterização dos vikings na

²⁰ LÖNNROTH, Lars. *Op. Cit.*, p. 233-244. Ver também: MEDEIROS, Elton O. S. O que *Beowulf*... *Op. Cit.*, p. 140-141.

contemporaneidade se desenvolverá com muita intensidade. Semelhante ao caso escandinavo, esse ideal “germano-viking” será totalmente absorvido pela sociedade do século XIX e início do XX e em especial pela burguesia alemã (figura 2). Richard Wagner será um dos principais responsáveis por propagar e popularizar toda a estética desse ideal por meio de suas obras, que serão elevadas a praticamente um tipo de manifestação ritual nacional sagrada do “espírito alemão” em apresentações de proporções monumentais.²¹ O que dará à luz ao que chamamos de “simulacro viking romantizado”. É importante frisar que esse simulacro, ainda que acabe por se popularizar por toda a Europa e possa assumir particularidades em outros países, é essencialmente alemão por estar atrelado a essa concepção “pangermânica” que irá marcar tanto o imaginário popular quanto político e mesmo o acadêmico.

O simulacro romantizado sobre os vikings que surge nesse momento terá como algumas de suas principais características um forte apelo popular de nação e tradições nacionais burguesas – o que os levará à concepção de se enxergarem como *Herrenvolk* e o vínculo ao movimento *Völkish* –, uma noção de superioridade cultural e ambições imperialistas de expansão colonial, com a concepção sobre vikings medievais (e os antigos germanos) como seus ancestrais legítimos não apenas em espírito, mas sanguíneos e fonte de inspiração, símbolos de bravura, espírito aventureiro e heroísmo em nome da honra e do território – a ser defendido ou conquistado de povos vistos como mais fracos e inferiores. E, sendo necessário, morrer de forma gloriosa em nome da pátria. Algo típico do *zeitgeist* oitocentista que também era encontrado na Inglaterra.²²

Desta forma, tal simulacro terá um forte apelo entre os alemães e um grande apreço a tudo que fizesse referência à Era Viking e à literatura nórdica antiga e similares. Não levaria muito tempo para que fossem absorvidas a isso as teorias raciais desenvolvidas ao longo do século XIX. Tudo isso encontrará espaço também na Escandinávia e Inglaterra, mas nada com tamanha intensidade quanto

²¹ LÖNNROTH, Lars. *Op. Cit.*, p. 245-246.

²² MEDEIROS, Elton O. S. Mito e História no Campo de Batalha: Apropriação e Interpretação do Passado pelo Medieval e como História Nacional. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 29-59, 2014.

na Alemanha onde tal ideal se aproximará dos ideais do nazismo, o qual irá abraçar de muito bom grado os vikings romantizados wagnerianos.

Como mencionado anteriormente, desde antes do início do século XIX ideias pangermânicas eram muito presentes na construção identitária do povo alemão. Durante o período dos conflitos napoleônicos encontraremos, por exemplo, a emulação da Batalha da Floresta de Teutoburgo, no século I a.C., e da bravura dos antigos germanos liderados por Arminius (ou Herman, seguindo a nomenclatura de tradição alemã) frente aos romanos como um mito moderno servindo de inspiração frente aos avanços franceses.²³ Em 1871, em Munique, o historiador Wilhelm von Giesebrecht, ao celebrar a fundação do Segundo Reich, usará a saudação “Nichts Römisch; alles Deutsch!”.²⁴ Na virada do século XIX para o XX, a Escandinávia cada vez mais era vista como o berço da cultura alemã, que teria preservado de forma intacta suas tradições e seu folclore, e um povo livre de miscigenações e sem se curvar a ninguém.²⁵ Neste sentido, a obra *Vor Folkeæt i Oldtiden*²⁶ do dinamarquês Vilhelm Peter Grønbech (1873 – 1948) será uma grande influência no cenário alemão pré-Segunda Guerra Mundial para autores como Gustav Neckel e Bernhard Kummer, que irão culpar o socialismo, os judeus e a luta de classes pela “decadência” do modo de vida germânica e de sua herança racial “viking”.

²³ SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Maurício da Cunha. ‘Hail Arminius! O Pai dos Alemães!’: a construção mítica da Unificação Alemã entre 1808 e 1875. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 330-355, 2017.

²⁴ “Nada Romano, tudo Alemão!”.

²⁵ FRANK, Roberta. *Op. Cit.*, p. 207.

²⁶ Em uma tradução livre, “Nossa descendência na Antiguidade”. A obra, em linhas gerais, se propõe a ser um tipo de manual histórico-antropológico sobre a vida e a espiritualidade dos antigos escandinavos. Dividida em cinco volumes, o primeiro foi publicado em 1909 e conta com capítulos intitulados como por exemplo “Honra”, “A honra é a alma da família”, “Felicidade”, “Felicidade é a vida da família”. Obra que na Alemanha às vésperas da ascensão do Terceiro Reich será utilizada para alimentar ainda mais o ideal romantizado sobre os “germano-vikings”. Para maiores informações ver: <https://time.com/5569399/viking-history-white-nationalists/>. Acesso em: 18/07/2020.



Figura 3 – As Dingspiel envolviam desfiles, cantorias de frases de efeito político, realizadas ao ar livres, envolvendo multidões, de forma a reproduzir as assembleias nórdicas descritas nas sagas (Disponível em LÖNNROTH, Lars. Op. Cit., p. 246).

Após a derrota na Primeira Guerra Mundial e durante o período de reorganização da Alemanha, tais ideias foram incorporadas pelo discurso político do emergente nacional-socialismo alemão e, a partir de 1933, inicia-se a campanha contra o que era considerada a “decadente” cultura moderna, a ser substituída por uma cultura superior “ariana”, que tomava por alicerce a suposta herança dos “vikings”, da mitologia nórdica, as obras de Wagner e a cultura tradicional camponesa alemã e também de uma Idade Média idealizada. Com o partido nazista no poder, serão estimuladas as *Dingspiel* (figura 3) que eram um misto de encenação teatral, tentativa de reconstituição histórica e manifestação política, como forma de exaltar um “espírito nacional”.²⁷ Já durante a Segunda Guerra Mundial diversos elementos que faziam parte do simulacro viking romantizado serão utilizados pelos nazistas em suas indumentárias, uniformes e propaganda. Como por exemplo o nome “Viking” para um dos regimentos da *Waffen SS* composta de jovens escandinavos para o confronto contra a URSS. Um cartaz típico dessa propaganda da época é um de recrutamento de jovens dinamarqueses que mostra um soldado nazista de metralhadora em punho e capacete, ao seu lado – como um espírito – a presença do que seria um jovem guerreiro “viking” de espada

²⁷ LÖNNROTH, Lars. *Op. Cit.*, p. 246-247.

e escudo; e atrás de ambos a bandeira da Dinamarca e os dizeres “For Danmark! Mod Bolchevismen!”²⁸ (figura 4).²⁹



Figura 4 (Disponível em: <https://milhist.dk/freikorps-danmark/>; acesso em 25/07/2020).

Com o final da Segunda Guerra, muito do apelo e do entusiasmo referente aos vikings do simulacro romantizado perde força. Em primeiro lugar devido às consequências do conflito e o cenário do Pós-Guerra. E, em segundo lugar, a busca no meio acadêmico por parte dos pesquisadores por uma abordagem mais crítica sobre o tema, o que irá abalar as convicções oitocentistas presentes até o momento.

Por um lado, isso irá contribuir para o desmantelamento da simulação romantizada do simulacro sobre os vikings, mas por outro dará espaço para que uma nova simulação florescesse. Em outras palavras, o simulacro surgido no século XIX irá perseverar, mas a simulação vinculada a ele será alterada em razão dos

²⁸ “Pela Dinamarca! Contra o Bolchevismo!”.

²⁹ Apesar do poder da propaganda nazista, ao que parece o uso de símbolos e imagens com temáticas “vikings” não surtirá exatamente o efeito esperado entre os escandinavos durante a Segunda Guerra Mundial para o recrutamento. Os mesmos símbolos também eram utilizados pelos grupos da resistência contra a ocupação alemã. Fruto de gerações anteriores que cresceram com essa memorabilia “viking” como símbolos nacionais escandinavos, o uso deles pelos nazistas era visto mais com desprezo que admiração. Assim, seria comum o uso de elementos mitológicos em sua luta contra o exército invasor nazista, chamado por vezes, em tom jocoso, como “o Lobo Fenrir” ou “a Serpente de Midgard”; referência às feras míticas inimigas dos deuses nórdicos. Cf. LÖNNROTH, Lars. *Op. Cit.*, p. 247.

novos tempos e à nova cultura de massa nascente a partir da segunda metade do século XX.

Novas Narrativas & Discursos: os novos vikings

No ano de 2020, aos entusiastas de jogos eletrônicos, vem o aguardado lançamento do mais novo jogo da franquia *Assassin's Creed: "Assassin's Creed – Valhalla"*. Ao tomarmos contato com o material de divulgação do jogo fica claro que o processo de novas ressignificações e apropriações de uma ideia de Idade Média e do ideal “viking” estão presentes de forma nítida. No site oficial de divulgação da empresa Ubisoft³⁰ podemos encontrar o seguinte texto para a divulgação do jogo (figura 5):

“A DARK AGE OPEN WORLD

Sail across the icy North Sea to discover and conquer the broken kingdoms of England. Immerse yourself in activities like hunting, fishing, dice, and drinking games, or engage in traditional Norse competitions like *flyting* – or, as it's better known, verbally devastating rivals through the art of the Viking rap battle.”³¹

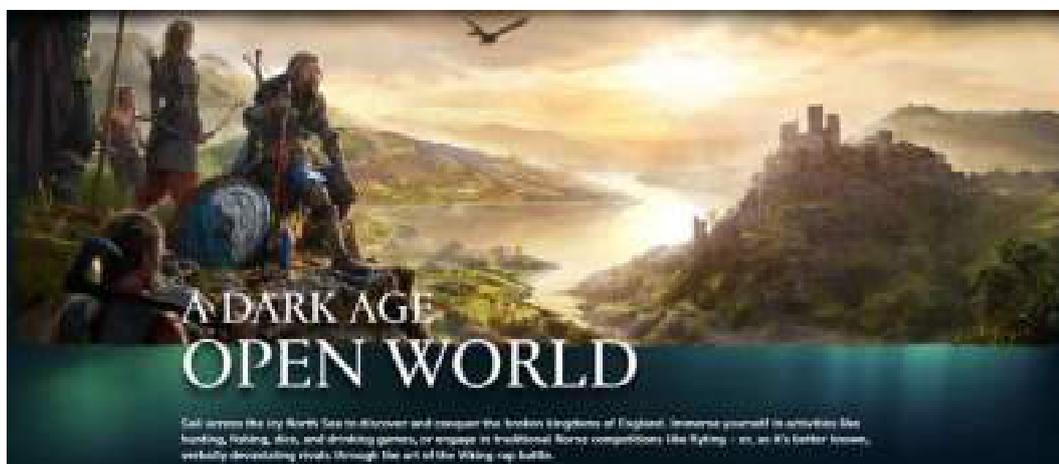


Figura 5 (Disponível em: <https://www.ubisoft.com/en-us/game/assassins-creed/valhalla>. Acesso em: 04/07/2020).

³⁰ Site oficial da Ubisoft. Disponível em: <https://www.ubisoft.com/en-us/game/assassins-creed/valhalla>. Acesso em: 04/07/2020.

³¹ [“UM MUNDO ABERTO DA ERA DAS TREVAS. Navegue pelo gelado Mar do Norte para descobrir e conquistar os enfraquecidos reinos da Inglaterra. Se envolva em atividades como caça, pesca, dados e jogos com bebida, ou participe de competições nórdicas tradicionais como *flyting* – ou, como é mais conhecido, devastadoras disputas verbais através da arte da batalha de rap Viking”.]

Percebe-se que o jogo promete ao usuário que ao se tornar um “viking” você estará adentrando no sombrio mundo da “Era das Trevas” medievais, um mundo selvagem, rústico (onde, é claro, apenas os mais fortes conseguiriam sobreviver). Contudo, não se preocupe, pois você será corajoso o bastante para enfrentar as águas geladas do temido Mar do Norte e guerrear contra os decadentes reinos da Inglaterra (que obviamente são fracos e merecem ser conquistados). Por outro lado, você também desfrutará de atividades lúdicas como caçar (que podemos entender como uma atividade a ser desempenhada apenas por alguém destemido e viril), jogos com dados, jogos com bebidas (e supõe-se, muita bebida; algo que apenas os mais vigorosos resistiriam até o final) e fazer rap (“rap viking”) com seus amigos.

Quando também observamos a representação visual da personagem principal do jogo que será utilizada pelos usuários – também disponível no site oficial da empresa – é possível compreender melhor quem seria esse destemido “viking rapper” (seguindo o material de divulgação do jogo) ao identificá-lo como um dos mais recentes produtos que o simulacro do ideal do termo “viking” carrega atualmente em nossa cultura de massa: uma figura masculina, forte, branco – de aparência caucasiana, supostamente germânica/norte-europeia –, munido de (duas) armas enormes, armadura e indumentária impressionantes (fantasiosos e nem um pouco funcionais do ponto de vista da historicidade bélica) e destemido em meio ao combate; usando uma pintura facial combinada a um corte de cabelo que mescla uma trança e cabeça raspada dos lados – em um estilo moicano – com tatuagens e barba também trançada para torna-lo mais imponente e ameaçador aos seus adversários, entre outros elementos (figura 6).³²

³² A proposta do jogo é a de que o usuário também poderá escolher jogar com uma versão feminina “viking”, que segue basicamente o mesmo padrão de caracterização descrito acima. Também pode-se aqui pensar nas palavras de Alain de Libera sobre a fantasia heroica de inspiração medieval, de forma mais ampla, com os seus guerreiros irreais na cultura de massa atual: “Essas grandes massas musculares, esses frutos do *body building* cingidos de armaduras improváveis, cobertas de placas, eriçadas de pontas, essas máquinas de guerra vivas que atravessam as florestas, os pântanos e os abismos a grandes golpes de armas ou de flagelos, encarnam uma ideia da violência ao mesmo tempo redentora e inocente, a de uma força pura e simples, para não dizer imbecil, que, à sua maneira, se pretende medieval quando é sobretudo pós-wagneriana”. Cf. LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 87.



Figura 6 (Disponível em: <https://www.ubisoft.com/en-us/game/assassins-creed/valhalla> acesso em 04/07/2020)

A ideia desse viking audaz, um tanto hedonista, paramentado de forma, digamos, “rústica” – como apresentado no jogo – tornou-se extremamente recorrente na cultura de massa atual. Tal imagem é a mesma que iremos encontrar, por exemplo, nas produções audiovisuais das séries citadas no início desse artigo (as séries *Vikings* e *Last Kingdom*).

Como podemos supor, é certo dizer que a construção dessa imagem atual a respeito dos vikings no século XXI é fruto da desconstrução de elementos da idealização anterior. Especificamente falando, e seguindo o conceito dos simulacros de Jean Baudrillard, a fragmentação da simulação do simulacro sobre os “vikings” existente no século XIX e meados do XX – o simulacro viking romantizado – e sua (re)apropriação em nossa contemporaneidade atual.

Nessa nova simulação o suposto “viking” não porta o tradicional e fantasioso elmo com chifres como utensílio de combate, por exemplo. Há uma tentativa, em suas mais diversas manifestações midiáticas recentes, em tornar sua caracterização mais realista do que a simulação romântica que a antecedeu. O que nos levaria a pensar que existiria uma tentativa de maior aproximação ao que seriam os vikings da realidade do medievo. Entretanto, essa preocupação pela exatidão histórica não existe, pois, o objetivo não é a reconstituição histórica

medieval, mas que tenham a aparência de ser historicamente plausíveis. É, novamente, a busca pela construção de uma simulação de um simulacro convincente, à revelia de sua fonte histórica inspiradora. Nesse sentido, na concepção desse ideal “neo-viking” frente à uma realidade histórica, seguimos a reflexão de Jean Baudrillard a respeito da realidade versus os simulacros. O propósito aqui não é falsear ou copiar uma realidade, mas criar uma nova (uma hiper-realidade) – ainda que inspirada numa anterior – que simule os vikings.³³

Não há também, obrigatoriamente, uma tentativa de vinculação a ideais de civilidade ou civilização. Na verdade, é valorizado justamente o oposto, uma noção de certa “selvageria” ou de algo “primitivo” (vide novamente figuras 5 e 6) como uma forma de evocar elementos “primordiais” que seriam avessos a tudo aquilo que de alguma forma tivesse – dentro da proposta da nova simulação pós-moderna – se deteriorado em nossa sociedade contemporânea civilizada. Portanto, esse aspecto mais primitivo, selvagem, é visto como algo construtivo e libertador.³⁴ Revelando-se como uma forma de escapismo ao cotidiano do que poderíamos

³³ “O real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando – e pode ser reproduzido um número indefinido de vezes a partir daí. Já não tem de ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa. É apenas operacional (...). Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem (...) Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’. O simulador está ou não doente, produz ‘verdadeiros’ sintomas? Objetivamente não se pode trata-lo nem como doente nem como não-doente”. Cf. BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D’Água, 1991. p. 8-10.

³⁴ Visão que se alinha com a de Tommaso di Carpegna Falconieri: “In conventional wisdom, the Medieval Era may be summed up with chivalry, but also with barbarism. The barbarian is a wild man who transgresses the elementary laws of common life; he is the Other, a symbol of divorce from the civilized world; he is the one on the side of chaos, of caprice, who does not recognize the social order and fights with brutality and cruelty. Above all, he must be the mandatory opposite of the knight (...) And nevertheless, barbarism represents, and has for quite some time, a positive myth as well, one which has recently been considerably re-evaluated. The barbarian as a ferocious, yet pure and loyal, warrior who battles injustice, a kind of half-naked knight (who has borrowed a lot from chivalry, but is not nearly as courteous as Galahad), is an integral part of our collective imaginary, made famous by the hero of Robert Erwin Howard’s Conan the Barbarian (1932) and celebrated in a thousand “Sword and Sorcery” fantasy romances and a thousand illustrations, among which are those of Frank Frazetta (...) Barbarism is invigorating and leads not to the destruction of civilization but to its palingenesis, as the barbarian is free, strong, and heroic, capable of defeating, with unprecedented but justified violence, the rot within a corrupt society – namely the decrepit Roman Empire – and imposing a new order founded on other, more authentic, ethical values: force, liberty, justice, solidarity, loyalty, purity. Conquest, ultimately, is a right exercised by a superior people, and war is not only just, but an explosive release of force”. Cf. CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di. **The Militant Middle Ages: Contemporary Politics between New Barbarians and Modern Crusaders**. Boston: Brill, 2019. p. 133-134.

chamar – para utilizar o conceito do filósofo Byung-Chul Han – de nossa “sociedade do cansaço”,³⁵ voltada exclusivamente a uma estressante rotina de trabalho, cobrança constante e opressão pessoal. Assim, de forma geral, pode-se dizer que esse ideal de “viking” presente no século XXI serviria como uma forma de catarse à nossa contemporaneidade capitalista vigente – seja através de produtos midiáticos como jogos, filmes, seriados, música ou manifestações de perfil sócio-político e identitário, como veremos mais a diante. O que faria a promessa do texto de um jogo como *Assassin’s Creed – Valhalla* citado anteriormente, por exemplo, se tornar tão atraente aos seus usuários: uma “vida viking”, regada a aventuras, jogos, bebidas e etc., livre das demandas e agruras que o indivíduo civilizado da sociedade pós-moderna é obrigado a se submeter.³⁶

A esse respeito é possível estabelecer um paralelo de nossa atualidade com Tácito e a sociedade romana da Antiguidade. Diferentemente do ímpeto dos antiquários alemães dos séculos XVI – XVIII, em sua *Germania*, Tácito não tem como prioridade uma descrição fiel e análise precisa sobre o modo de vida dos antigos germanos – mesmo porque ele nunca teve contato com eles ou esteve na antiga Germania. Contudo, irá se valer desses mesmos germanos como uma forma

³⁵ O conceito de “sociedade do cansaço” implica na ideia de um cenário socioeconômico capitalista que migrou de uma sociedade disciplinar – tipicamente a sociedade dos séculos XIX e XX que Foucault identifica sendo feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas – para uma sociedade do desempenho, no século XXI. Essa nova sociedade preza não mais por “sujeitos de obediência”, como antes, mas por sujeitos de desempenho e produção. Nesse sentido, o indivíduo se vê inserido dentro de um cenário de extrema positividade que o pressiona sempre a buscar afirmação, estímulos, se tornando seu próprio algoz e vítima de cobranças de metas a cumprir visando seu desempenho cada vez melhor e mais produtivo; onde antigos paradigmas de proibição, mandamentos e leis dão espaço para a cobrança de iniciativa e motivação constantes. O que geraria a depressão do esgotamento – a “Síndrome de *Burnout*” – causada por essa pressão ininterrupta por desempenho aplicada a si mesmo. Cf. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2019.

³⁶ Da mesma forma que podemos encontrar no cenário midiático atual obras que exaltam essa nova simulação sobre os vikings, seu oposto também está acessível. Este tipo de escapismo à vida cotidiana contemporânea e a idealização de um cenário medieval fantasioso, no qual podemos encontrar também o simulacro pós-moderno sobre os vikings sendo representado (não de forma a exaltá-los, mas apontando justamente os seus aspectos negativos) surge no filme *The Wild Hunt* de 2009, do diretor Alexandre Franchi e roteiro de Mark Antony Krupa e Alexandre Franchi. No filme, dois irmãos apreciadores de jogos de *Roleplaying Games* (RPG) e reconstituições históricas e que envolvem a caracterização de vikings – na mesma perspectiva pós-moderna abordada em nosso artigo –, e outros elementos de inspiração medieval, acabam se envolvendo com outros jogadores em uma propriedade no campo e mergulhando totalmente na dinâmica do jogo como forma de abandonar as demandas do cotidiano de suas vidas reais abarrotadas de trabalho e obrigações para com seus empregos e familiares, e cujos resultados acabam sendo dramáticos. Maiores informações disponíveis em: <https://www.imdb.com/title/tt1493886/>. Acesso em: 18/07/2020.

de crítica ao modo de vida romano de sua época que, aos seus olhos, haviam perdido as virtudes do passado e se deteriorado; mas virtudes essas que ainda estariam presentes entre os bárbaros.³⁷ Da mesma forma, sob a ótica do simulacro, enquanto a civilidade contemporânea se deteriorou em uma ação constante de busca por desempenho e à opressão do indivíduo, a “selvageria” primordial da simulação sobre os “vikings” no século XXI seria libertadora e abriria portas para a realização pessoal.³⁸

Se fossemos tentar buscar um marco histórico de ruptura ou gênese para o desenvolvimento dessa nova simulação sobre os “vikings” poderíamos apontar para as últimas décadas do século XX, como um reflexo direto das mudanças no âmbito socioeconômico, cultural e político do mundo ocidental. Eric Hobsbawm³⁹ aponta que o início da era que precedeu tais mudanças – o assim chamado “breve século XX”, entre 1914 e 1991 – teria começado a partir da Primeira Guerra Mundial, quando a era dos impérios entrou em colapso e as novas realidades políticas e sociais do século XX começaram. As estruturas mentais do mundo ocidental vitoriano eram diferentes da atualidade e as revoluções científicas e filosóficas da virada do século XIX para o XX tinham abalado os conceitos religiosos de tal sociedade – um de seus pilares fundamentais. A Primeira Guerra Mundial irá aniquilar os conceitos gloriosos e cavalheirescos de imperialismo, colonialismo e ímpetus civilizatórios através de um banho de sangue, lama, gás e os horrores de novas formas e mecanismos de assassinato em massa. Novas ideias de ordem política e social serão buscadas e novamente postas à prova com a ascensão do fascismo e a Segunda Guerra Mundial, concluindo o que chamamos aqui de “desencantamento sociopolítico” do mundo ocidental e cujo desfecho dará à luz a todo um processo histórico que irá marcar profundamente as décadas de 50, 60, 70 e 80.

³⁷ MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 157-186. No que diz respeito, de forma mais específica, à relação de identidades e mesmo de etnicidade entre romanos e bárbaros, recomendamos: HALSALL, Guy. **Barbarian Migrations and the Roman West (376 – 568)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

³⁸ Agradecemos aqui a Vinícius César Dreger de Araújo pelo auxílio nesta discussão e reflexão a respeito das relações entre o passado e presente referente aos antigos germanos no contexto da obra taciteana e a sua relação com nossa cultura de massa contemporânea.

³⁹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Desta forma, a simulação do simulacro viking existente até então – caracterizado por sua representação imagética oitocentista wagneriana, com os famosos elmos com chifres ou asas, indumentária exuberante e impecável, utilizados como ícones de nacionalismos norte e centro europeus (principalmente alemão) e de superioridade cultural e civilizatória – também passaria por esse mesmo desencantamento uma vez que a sociedade a qual lhe dava sustentação passava por transformações com o pós-Guerra.⁴⁰

O simulacro viking romantizado havia tomado como base elementos de evidências históricas antigas e medievais de perfil essencialmente ocidental, como a literatura nórdica antiga e a *Germania* de Tácito, por exemplo, seguindo uma agenda nacionalista da sociedade europeia oitocentista. Neste sentido, compreender como se sucedeu a influência de outros tipos de evidências históricas pode nos auxiliar a compreender a construção do novo simulacro neo-viking que irá ascender a partir do final do século XX. Em relação a isso talvez possamos identificar dois momentos na produção literária e cinematográfica do período que podem servir como indicadores para visualizarmos como o novo ideal viking se desenvolveu entre o grande público.



Figura 7 – Um “viking” de Astragard (à esquerda), prof. Ivarsson (centro) e Sir Anthony Ross (direita). *The Island at the Top of the World*, 1974 (Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/b0077hgg> acesso em 18/07/2020).

⁴⁰ Para maiores detalhes e uma visão mais aprofundada sobre as elaborações do nacionalismo europeu do período indicamos: HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2012; e no que se refere de forma mais específica às relações entre passado e presente do medievo e seu uso pelo século XIX indicamos: GEARY, Patrick. **O Mito das Nações**: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005; e de forma complementar: MEDEIROS, Elton O. S. Mito e História... *Op. Cit.*

No ano de 1974, chegava aos cinemas o filme dos estúdios Disney *The Island at the Top of the World*, do diretor Robert Stenvenson.⁴¹ O roteiro do filme tem por base o livro de Ian Cameron – pseudônimo de Donald Gordon Payne – intitulado *The Lost Ones*, publicado em 1961. De forma sucinta, no filme, no ano de 1907 um rico empresário (Sir Anthony Ross) decide organizar uma viagem rumo ao círculo polar ártico em busca de seu filho que havia desaparecido durante uma expedição científica sobre baleias e uma misteriosa ilha onde os animais iriam para morrer. Por fim descobre-se que a tal ilha misteriosa – no filme chamada de “Astragard” – se trata de um santuário natural de origem vulcânica no meio das geleiras do Ártico. Lá habitam descendentes de exploradores e colonos escandinavos medievais (“vikings”) que adotaram o local como lar e desde então permaneceram isolados do mundo exterior.⁴² A produção do filme chama a atenção pelo cuidado tomado ao tentar representar os “vikings” de forma verossímil ao espectador (figura 7). Houve a preocupação de fazer com que os atores usassem trajes e equipamentos que se afastassem das representações românticas ao estilo wagneriano,⁴³ e também de que todos “vikings” e habitantes de Astragard fossem encenados por atores escandinavos e que suas falas fossem em nórdico antigo. Ainda no início do filme, quando as personagens principais descobrem a passagem para a ilha de Astragard e tem o primeiro contato com seus habitantes, todos esses elementos são esclarecidos ao público através da personagem de Sir Anthony Ross – que se apresenta completamente leigo sobre “assuntos vikings” – ao ser instruído a respeito de quem são seus anfitriões por meio da personagem do professor Ivarsson:

⁴¹ No Brasil, o título do filme será uma tradução direta do original: “A Ilha no Topo do Mundo”; informações do site IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0071671/>. Acesso em: 09/07/2020.

⁴² No livro a trama segue praticamente a mesma narrativa com algumas poucas diferenças; por exemplo: no livro ao invés da história se passar no início do século XX ela ocorre na década de 1960.

⁴³ No filme *The Vikings*, de 1958, estrelado pelo famoso ator Kirk Douglas, também é possível notar uma tentativa de se aproximar de certo realismo na caracterização dos “vikings”, mas é uma tentativa sutil. Ainda que não tenhamos elmos com chifres ou asas na produção, assistindo ao filme é possível notar que a indumentária e a caracterização dos atores ainda detêm muito dos elementos oitocentistas do ideal romântico sobre o tema de inspiração nas representações e montagens teatrais.

[Sir Anthony Ross]: “Você compreende o idioma deles?”
[Prof. Ivarsson]: “É nórdico. O nórdico antigo das sagas. As armas,
as roupas, todo o aspecto... São vikings!”
[Sir Anthony Ross]: “Vikings?”.⁴⁴

Apenas dois anos após o filme da Disney sobre vikings em uma ilha santuário no ártico chegar aos cinemas, em 1976 ocorria o lançamento do livro *Eaters of the Dead* do escritor Michael Crichton;⁴⁵ obra que mais tarde, em 1999, seria adaptada para o roteiro da produção cinematográfica do filme *The 13th Warrior*, do diretor John McTierman.⁴⁶ Em seu livro, Michael Crichton criou uma narrativa que envolve sua personagem principal, um embaixador do califa de Bagdá que, em meio a sua viagem pelo leste europeu, se depara com vikings na região do Rio Volga no início do século X. Após esse encontro, a personagem acaba acompanhando um grupo desses vikings que atendem a um pedido de socorro em sua terra natal. Ao chegarem lá eles descobrem que a população da região está sendo atacada por seres misteriosos que vêm ao cair da noite e que, aparentemente, levam consigo suas vítimas para devorar seus cadáveres.

Em primeiro lugar, o que chama a atenção na obra é que Crichton se utiliza de um recurso conhecido na literatura contemporânea que é a construção de uma obra de ficção como se fosse um relato histórico verídico, feito a partir de algum manuscrito perdido ou algo similar.⁴⁷ No caso de *Eaters of the Dead*, Michael Crichton afirma logo de início que o livro seria um relato das memórias de Ahmad Ibn Fadlan – sua personagem principal. Em sua primeira edição original, tanto em inglês quanto em português no Brasil, encontramos o seguinte subtítulo que deixa

⁴⁴ O assombro de Sir Anthony Ross acabaria sendo o mesmo dos espectadores que de repente tinham diante de si “vikings” em plenas geleiras do círculo ártico do século XX. E não se parecendo em nada com os “vikings” do simulacro oitocentista, tão bem representado no Pós-Guerra, por exemplo, pela personagem Pernalonga na animação *What's Opera, Doc?* de 1957.

⁴⁵ “Devoradores de Mortos” como ficará conhecido em sua edição brasileira de 1998.

⁴⁶ No Brasil, o título do filme será uma tradução direta do original: “O 13º Guerreiro”; informações do site IMDB. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0120657/>. Acesso em: 09/07/2020.

⁴⁷ Um exemplo famoso disso é o prefácio da obra de Umberto Eco, *O Nome da Rosa* (1980), onde o autor diz ter se baseado em um manuscrito medieval misterioso para a composição da narrativa de seu livro. Caso semelhante também será visto na obra *Vita Brevis* (1996) de Jostein Gaarder, onde o autor diz que estaria reproduzindo uma suposta correspondência apócrifa de Santo Agostinho de Hipona.

isso muito claro: “Devoradores de Mortos – O manuscrito de Ibn Fadlan, relatando suas experiências com os nórdicos em 922 d.C.”.⁴⁸

O interessante é que o autor de fato se baseia, parcialmente, em elementos da *Risalat ibn Fadlan* de Aḥmad ibn Faḍlān ibn al-‘Abbās ibn Rāšid ibn Ḥammād (doravante Ibn Fadlan), que teria vivido no século X a serviço do califa abássida Almuqtadir Billah (895 – 932 d.C.) como embaixador ao líder dos eslavos, que havia recentemente se convertido ao Islã e solicitava auxílio para a construção de uma mesquita e um *mimbar* para a propagação da nova fé em suas terras.⁴⁹ É a partir dos relatos de Ibn Fadlan (histórico) que Crichton irá construir sua narrativa de ficção passando aos leitores – que na época, em sua grande maioria, fora do círculo acadêmico, desconheciam a *Risalat ibn Fadlan* – a ideia de que seu livro seria uma obra de tradução e pesquisa histórica sobre os vikings no Volga medieval.⁵⁰ A obra será convincente ao ponto de muitos acreditarem que se trataria de um relato histórico autêntico, deixando passar de forma despercebida que se tratava de uma adaptação de um recorte do relato de Ibn Fadlan e seu contato com os *rus*,⁵¹ acrescido e adaptado com elementos retirados de *As Mil e Uma Noites* e do poema *Beowulf*.⁵²

Este caráter de verossimilhança com a realidade histórica construída por Crichton e seu uso da *Risalat ibn Fadlan* podem ser considerados marcos da transformação do simulacro sobre os vikings na virada do século XX até o momento, que já vinha se modificando – como podemos ver no caso supracitado do filme *The Island at the Top of the World*. Inicialmente, um diferencial nesse sentido será o uso de uma evidência histórica que foge ao círculo tradicional de fontes europeias ocidentais.

⁴⁸ CRICHTON, Michael. **Devoradores de Mortos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁴⁹ IBN FADLAN, Ahmad; CRIADO, Pedro Martins (trad.). **Viagem ao Volga**. São Paulo: Carambaia, 2019, p. 18.

⁵⁰ Michael Crichton elaborará uma introdução detalhada sobre a *Risala* de Ibn Fadlan e seu autor, sua procedência e os manuscritos que teriam sobrevivido até o presente e onde eles se encontram. Um breve debate sobre quem seriam os vikings, com citações e debate historiográfico e ao final uma bibliografia contendo fontes primárias (em sua maior parte fazendo referência à *Risala*) e de fontes secundárias de autores clássicos sobre a temática viking (como Peter Sawyer, Gwin Jones, Johannes Brondsted, entre outros) e até mesmo o ficcional *Necronomicon* de Abdul Azhared (criação do escritor de contos de horror norte-americano Howard Phillips Lovecraft).

⁵¹ *Rus*: nomenclatura atribuída aos nórdicos medievais nas regiões do leste europeu alto medieval.

⁵² IBN FADLAN, Ahmad; CRIADO, Pedro Martins (trad.). **Viagem ao Volga**. São Paulo: Carambaia, 2019, p. 18.

Como mencionado anteriormente, o simulacro sobre os vikings ao longo dos séculos XIX e XX tomava por base evidências históricas essencialmente de caráter europeu ocidental dentro de uma agenda ideológica característica à época. Como também já foi abordado neste artigo, a obra de Michael Crichton surge em um momento onde os elementos sociais e ideológicos de sustentação da sociedade que venerava o simulacro viking romantizado não existem mais ou estão extremamente abalados e fragilizados. Justamente nesse momento é introduzida ao grande público a *Risalat ibn Fadlan* – uma fonte histórica de origem oriental, árabe, que traz uma visão que causaria estranheza aos antiquários alemães oitocentistas e àqueles habituados a imaginar os “vikings” como baluartes da civilização europeia germânica, ao estilo do herói Siegfried em *A Canção dos Nibelungos* de Richard Wagner:

“Vi também os *rus*, que tinham vindo a comércio e acamparam à margem do rio Volga. Nunca tinha visto corpos tão perfeitos quanto os deles. Altos como palmeiras, brancos e ruivos, não usam túnica ou cafetã. Em vez disso, cada um deles veste um manto que lhe cobre um lado do corpo, deixando um dos braços de fora. Cada um carrega consigo um machado, uma espada e uma faca, e nunca se separa dessas armas. Suas espadas são largas e sulcadas como as francas. Da ponta dos dedos até o pescoço, todos têm tatuagens verdes – árvores, figuras e outros desenhos (...) Eles são as mais imundas criaturas de Deus. Não se limpam depois de defecar ou urinar, não se lavam depois das impurezas rituais [i.e. sexo] e não lavam as mãos depois de comer. São mesmo como burros errantes. Quando vêm da terra deles, param seus barcos no Volga, que é um rio grande, e constroem à margem suas grandes casas de madeira (...). Eles tomam muito vinho, bebem dia e noite. Às vezes, um deles morre com uma caneca na mão”.⁵³

Michael Crichton, através do relato de seu Ibn Fadlan ficcional, reproduz em *Eaters of the Dead* praticamente as mesmas informações, de forma quase literal, do relato do Ibn Fadlan histórico citado acima.⁵⁴ A descrição que Ibn Fadlan nos apresenta dos *rus* do Volga não apenas destoa da caracterização tradicional do

⁵³ *Ibidem.*, p. 74-84.

⁵⁴ As duas obras, a *Risala* de Ibn Fadlan e o livro *Eaters of the Dead* seguem em paralelo em seu relato sobre os vikings do Volga até após a famosa descrição do funeral do líder dos *rus*. A partir de então a narrativa de Michael Crichton irá se afastar cada vez mais do relato de Ibn Fadlan, se aproximando, por sua vez, da narrativa heroica do poema anglo-saxônico *Beowulf* e o confronto das personagens contra criaturas noturnas devoradoras de homens.

ideal viking oitocentista como poderia ser utilizada perfeitamente – exceção feita aos seus hábitos de higiene pessoal – no site da Ubisoft na divulgação do jogo *Assassin's Creed – Valhalla*.

Desta maneira, a partir dos indícios presentes nas obras literárias e cinematográficas mencionadas, temos uma amostra de como uma nova visão sobre o assunto e uma nova simulação para o simulacro sobre os “vikings” teria começado a ganhar força na segunda metade do século XX. As mudanças culturais e sócio-políticas do pós-Guerra aliadas à releitura de novas fontes históricas sobre o tema iriam possibilitar o desenvolvimento de uma nova idealização – ou melhor dizendo, simulação – sobre os “vikings” que atendessem às novas demandas e anseios da cultura de massa ocidental.

A partir do novo simulacro neo-viking também irá se desenvolver o que poderíamos chamar de subtipos ou subgêneros, que irão se apropriar dessa nova versão do simulacro para a construção de novas narrativas históricas contemporâneas. Como já foi mencionado, o simulacro neo-viking visa, entre outras propostas, um retorno a um tipo de moralidade ou espiritualidade que teria se perdido ou se deteriorado na atualidade. A partir disso seria possível identificar três grandes grupos de concentração de interesses dentro do espectro de possibilidades que o simulacro nos oferece: a) adeptos de manifestações religiosas que podem ser identificados de forma genérica como “neopagãos”, b) entusiastas diletantes, fãs de música e jogos – talvez os mais numerosos e mais à vista da sociedade⁵⁵ e c) militantes de grupos de perfil ideológico-político. Obviamente essas divisões são genéricas e as fronteiras entre um tipo e outro são bem dúbias, nebulosas e fluidas, servindo apenas como forma de facilitar a abordagem ao assunto; e é preciso dizer que da mesma forma que podem ocorrer aproximações também temos o conflito de interesses entre esses três grandes grupos.

⁵⁵ Entre alguns exemplos se encontram usuários de jogos eletrônicos, jogadores de *Roleplaying Games* (RPG), entusiastas de reconstituições pretensamente históricas em feiras temáticas, fãs de gêneros musicais como *heavy metal* – onde existe até um subgênero conhecido como *viking metal* que emula exatamente o tipo do simulacro neo-viking em sua forma mais estilizada (podemos citar bandas como *Bathory*, *Amon Amarth* e *Týr*, entre outras) – ou ainda *world/folk music* que se aproximam a elementos mais místicos religiosos (com bandas como *Wardruna* e *Heilung*, por exemplo).

No final do inverno de 2018 em Runtuna, Suécia, indivíduos se reuniram em um ponto histórico turístico, próximos a montes funerários do período da Era Viking (séculos VIII – XI), para entoar cânticos e a realização de rituais ditos pagãos. Segundo a reportagem do site do *The New York Times*,⁵⁶ todo o cerimonial envolvia diversas evocações a várias divindades nórdicas e os devotos bebiam de dois grandes chifres pretos que serviam de copos – um contendo cerveja e o outro hidromel sem álcool – enquanto duas mulheres conduziam o ritual utilizando um grande martelo de madeira, erguido no ar. O grupo se identificava como sendo pertencente à *Nordic Asa Community* – em sueco, *Nordiska Asa-samfundet* (NAS)⁵⁷ –, alinhada à prática religiosa voltada ao culto e elementos vinculados ao que seria o neopaganismo norte-europeu de fundo nórdico.⁵⁸ À época, a reportagem obteve a seguinte declaração do representante da NAS ao ser interpelado sobre os objetivos de seu grupo: “The more the world is in chaos, the more people are looking back to where they come from (...) That is where they feel safe. That is why they turn to Asatru”.⁵⁹

Oficialmente se declarando sem nenhum vínculo ou posicionamento político – ainda que não proibam que seus membros o façam –, os indivíduos e grupos religiosos como a NAS buscam maior espaço na sociedade por meio de uma agenda que inclui um afastamento em relação à cultura ocidental judaico-cristã/monoteísta contemporânea e desejam um suposto resgate de uma origem ancestral espiritualmente “pura”; remontando e se apropriando de um vasto conjunto semiótico que remeteria ao passado nórdico medieval. Neste sentido, por exemplo, há uma forte relação de adoração por parte deles com tudo que seja associado à natureza e produtos e alimentos naturais – novamente, se opondo ao

⁵⁶ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/17/world/europe/vikings-sweden-paganism-neonazis.html>. Acesso em: 18/06/2020.

⁵⁷ Site oficial do grupo disponível em: <https://asa-community.se/>. Acesso em: 18/07/2020.

⁵⁸ Outro grupo de destaque e de perfil semelhante seria a *Ásatrúarfélagið*, na Islândia, entre outros. Maiores informações sobre a *Ásatrúarfélagið* disponíveis em: <https://asatru.is/>. Acesso em: 18/07/2020.

⁵⁹ “Quanto mais o mundo se encontra caótico, mais as pessoas se voltam em busca de onde elas vieram (...) É onde elas se sentem seguras. É por isso que elas se voltam para o Asatru”; *asatru*, de forma bem genérica – pois a abordagem do tema extrapolaria os limites do atual artigo –, se refere a uma das principais vertentes do neopaganismo de viés norte-europeu de fundo nórdico que implica em práticas rituais e culto a antigas divindades da mitologia nórdica presentes nas Eddas e nas sagas.

mundo industrializado contemporâneo – que se subentende como uma forma de valorização da cultura e tradições locais de seus ancestrais; ou seja, um cenário pré-cristão, pré-industrial, pré-modernidade/contemporaneidade.

Curiosamente, esses mesmos elementos serão utilizados por grupos extremistas, como o *Movimento de Resistência Nórdico* (em inglês, *Nordic Resistance Movement* – NRM; em sueco, *Nordiska motståndsrörelsen*). Dentro do ideal neo-viking, o principal campo de conflito se dará entre grupos de perfil religioso, como a NAS, e grupos de perfil político como o NRM. O primeiro acusa o segundo de se apropriar e resignificar símbolos e elementos tradicionais do passado de fundo nórdico para sua agenda fascista e anti-imigrantes, causando assim grande prejuízo à imagem de tudo que esteja vinculado ao “mundo viking” de seus ancestrais. Entretanto, como mencionado acima, ambos se utilizam dos mesmos preceitos de aversão ao mundo contemporâneo, retorno às origens e amor à natureza – que no caso dos extremistas políticos também estaria associado à pureza dos alimentos e conseqüentemente da terra, do corpo e da raça. Segundo o porta voz do NRM, em entrevista à mesma matéria do *The New York Times* citada anteriormente, elementos do “passado viking” ou que assim pareçam de alguma forma parte desse período são sua principal fonte inspiradora,⁶⁰ pois, para eles, simbolizam tudo que diz respeito aos norte-europeus: “We are adventurous, we take risks and settle where no man would dare to settle”.⁶¹ Posicionamentos como esse do NRM têm levado a uma resposta de confronto por grupos religiosos ou de entusiastas do assunto, como o movimento “Vikings Against Racism”. O grande temor é que grupos como o NRM ganhem espaço e acabem maculando o ideário mais libertário de organizações como a NAS e também seus símbolos – runas, nomes, idioma, mitologias e etc. – que sofrem diariamente a ameaça de serem cooptados por grupos de extrema direita e supremacistas brancos.⁶²

⁶⁰ O principal símbolo do NRM é uma bandeira de fundo verde com a runa Tyr, do antigo alfabeto *futhark*, em preto, ao centro.

⁶¹ “Somos aventureiros, assumimos riscos e nos instalamos onde ninguém ousaria se instalar”. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/17/world/europe/vikings-sweden-paganism-neonazis.html>. Acesso em: 18/06/2020; podemos dizer que se sentem como uma versão neonazista do personagem de *Assassin's Creed – Valhalla*.

⁶² Para maiores detalhes recomendamos a discussão feita ao TIME, em 2019, na matéria “White Supremacists Have Weaponized an Imaginary Viking Past. It's Time to Reclaim the Real History”. Disponível em: <https://time.com/5569399/viking-history-white-nationalists/>. Acesso em:

Um exemplo muito interessante desse confronto está relacionado ao assassinato de dois homens na cidade de Portland, estado do Oregon (EUA), no ano de 2017.⁶³ O acusado pelos crimes, um supremacista branco, foi detido e, segundo a investigação, encontraram de posse do acusado e em suas redes sociais na internet uma infinidade de material de cunho racista, antissemita, neonazista e de extrema direita de forma geral, com imagens, textos e frases de efeito. Entre outras coisas, o que chamou a atenção na época foi uma postagem feita pelo acusado em 9 de maio daquele ano – mesmo mês dos crimes – onde escreveu no Facebook “Hail Vinland!!! Hail Victory!!!” [sic].⁶⁴ O acusado fazia menção ao território onde escandinavos medievais teriam chegado na América do Norte no século X. O nome está presente em fontes literárias medievais como a *Grænlandinga saga*⁶⁵ e a *Eiríks saga rauða*⁶⁶ e ligado à figura de Leif Erikson que teria sido o primeiro europeu a liderar um expedição a chegar ao continente norte-americano por volta do ano mil e assim nomeado a região que hoje seria a costa nordeste dos Estados Unidos.⁶⁷

Muitos grupos supremacistas brancos e neonazistas norte-americanos cooptaram o termo “Vinland” e a história das sagas a seu respeito para ressignificá-los e construir suas próprias narrativas, no intuito de legitimar suas ações de violência e racismo. As novas narrativas que foram construídas giram em torno da ideia de que a América, em específico o território dos Estados Unidos, teria sido descoberto por “vikings”; aos quais estariam vinculados os ideais de supremacia racial e de uma Europa medieval totalmente branca. Desta forma, hoje, eles seriam os herdeiros desses “vikings” que por direito de conquista teriam tomado posse

18/07/2020. E em 2020 a matéria à Aljazeera “Vikings vs Neo-Nazis: Battling the Far Right in Sweden”. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/programmes/witness/2020/03/vikings-neo-nazis-battling-sweden-200319123918169.html>. Acesso em: 18/07/2020. A propósito, é importante notar a recorrência e o crescimento de matérias jornalísticas sobre o tema na última década.

⁶³ “White supremacists love Vikings. But they’ve got history all wrong”. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2017/05/31/white-supremacists-love-vikings-but-theyve-got-history-all-wrong/>. Acesso em: 18/07/2020;

⁶⁴ “Suspect in Portland double murder posted white supremacist material online”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/may/27/portland-double-murder-white-supremacist-muslim-hate-speech>. Acesso em: 18/07/2020.

⁶⁵ “Saga dos Groenlandeses”.

⁶⁶ “Saga de Eirik o Vermelho”.

⁶⁷ JONES, Gwyn. **The Norse Atlantic Saga**. Londres: Oxford University Press, 1964. p. 148-151. Além disso, uma das primeiras menções à Vinland (“Winland”) seria na obra de Adam de Bremen em sua *Gesta Hammaburgensis*, livro IV, cap. 39, por volta de 1075; ver: BREMEN, Adam. **History of Archbishops of Hamburg-Bremen**. Columbia University Press, 2002.

dos EUA – aqui expandindo o ideal não apenas para a costa leste mas para os Estados Unidos como um todo, como um tipo de “destino manifesto viking” –, e portanto teriam o dever de se posicionar como os defensores legítimos de certos valores e virtudes (muito semelhantes aos defendidos pelo NRM na Suécia) na guerra racial e ideológica que estaria em curso para preservar ou restabelecer esse ideal e “fazer Vinland grande novamente!”.⁶⁸

Um outro exemplo é o caso da “Bandeira de Vinnland”, com dois “n” (figura 8). A bandeira foi desenhada pelo músico Peter Steele (1962 – 2010) para sua banda *Type O Negative* no começo da década de 1990. Para a infelicidade de muitos fãs e para o terror de grupos como a *Nordic Asa Community*, segundo a organização internacional *Anti-Defamation League* (ADL), no início dos anos 2000 grupos extremistas – em especial uma gangue de neonazistas skinheads conhecidos como *Vinlanders Social Club* – se apropriaram da bandeira como um símbolo supremacista branco. Ainda assim, a bandeira continua a ser usada por grupos e indivíduos que nada tem a ver com a extrema direita.⁶⁹

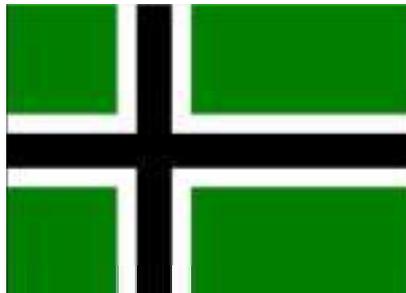


Figura 8 – “Bandeira de Vinnland” (Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120910031822/http://www.crwflags.com/fotw/flags/flagmusi.html#ton> acesso em 18/07/2020).

⁶⁸ Grupos como esses nos EUA costumam seguir um perfil de ser um misto de gangues de motociclistas, frequentadores de academia de musculação e milícia. Em 2012, ao ser questionado sobre as imprecisões históricas de seus discursos sobre os vikings e correlatos, um membro de um desses grupos teria postado no Facebook: “Our History is not a hoax. Hail Vinland!!!” [“Nossa História não é uma farsa, Salve Vinland!!!”]. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2017/05/31/white-supremacists-love-vikings-but-theyve-got-history-all-wrong/>. Acesso em: 18/07/2020.

⁶⁹ Maiores informações sobre a apropriação de outros símbolos por grupos de extrema direita e sobre a ADL disponíveis em: <https://www.adl.org/education/references/hate-symbols/vinland-flag>. Acesso em: 18/07/2020.

A princípio, o propósito da bandeira foi uma iniciativa de Steele como uma forma de representar parte de seus interesses ligados ao neopaganismo, à natureza e convicções políticas de esquerda. Criada para um dos álbuns de sua banda e comercializada nos shows, a bandeira de Vinnland serviu como símbolo da elaboração de uma suposta nação de mesmo nome, concebida por Steele. A nação de Vinnland – ou “People's Technocratic Republic of Vinnland” – pode ser enxergada como um tipo de exercício de ficção histórica a respeito da ideia de como teria sido se os exploradores nórdicos da Vinland histórica das sagas tivessem de fato permanecido e desenvolvido uma nação em solo americano. Informações sobre essa ideia de Peter Steele e Vinnland ainda podem ser encontradas em sites pela internet, mas a maior parte foi abandonada online e não recebe nenhum tipo de atualização desde pouco tempo após a morte do músico, em 2010.⁷⁰ Entretanto, ainda é possível ter acesso ao que seria o manifesto idealizado por Steele, resgatado por fãs de arquivos da internet:

*The Glorious Liberation of the People's Technocratic Republic of Vinnland by the combined forces of the United Territories of Europa*⁷¹

For over 300 years the peoples of Vinnland have been suppressed by their corrupted rulers. Their history eradicated, their culture trampled under the boot of American capitalism and imperialism. Many were driven westward and put in “reserves”. Others were made to abandon their old practices and forcefully integrate into the society of the capitalist oppressor. Futhermore they were violently forced to convert to Christianity, abandoning their believes in the Æsirs,⁷² and forced to believe a monotheistic lie.

But the Vinnland blood strain, pale skinned, black haired people are spread throughout the lands of America.

They live unnoticed among us and wait for the day they can reclaim the country which is legally theirs and which they love so much. Under the leadership of the fearless Peter Steele the United Vinnland Peoples Front (disguised as the band Type O Negative) spreads its message of paganism, love for nature and socialist political ideals to the indigenous population of Vinnland. Campaigns have been underway since 1989 to inform, educate

⁷⁰ Curiosamente, pouco antes de morrer o músico havia se convertido ao catolicismo.

⁷¹ Uma das faixas do álbum *October Rust* (1996) possui o mesmo título desse manifesto, na qual é possível ouvir ao fundo sons de aviões, helicópteros e gritos de exaltação de uma multidão.

⁷² Æsirs ou aesires são parte das divindades do panteão mitológico nórdico – divididos em aesires e vanires – como descrito das Eddas.

and convert many young people across both Vinnland and Europa for the ideals of the Vinnish people and the upcoming glorious liberation.

In an attempt to eradicate the Capitalist occupation the UVPF is now bolstering support from the Europeans to help them in their efforts. Soon the United Territories of Europa will combine their forces and sail across the cold Atlantic ocean to help their brothers in need. It will be a long and hard battle, but the Vinnlanders are proud and tough, and will prevail in liberating their country.

For a free Vinnland!⁷³

No manifesto podemos ver presentes alguns dos elementos que elencamos como características essenciais do simulacro neo-viking: aversão pela sociedade contemporânea, industrial e cristã (que é entendida como opressora, corrupta e ao mesmo tempo corruptora) e a busca pelo resgate de um passado ideal (puro e regenerador), “pagão” (ou não-cristão) e a integração com a natureza.

Hic sunt nordmanni: considerações finais

Em meados de 2020, chama a atenção no Brasil o lançamento de um livro polêmico ao afirmar a presença de descendentes de “vikings” no estado do Ceará, no nordeste brasileiro. O livro, intitulado *O cearense revelado: Uma jornada via DNA desvenda nossa ancestralidade*, de autoria de Luís Sérgio Santos, docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), teve por base uma

⁷³ [“*A gloriosa libertação da República Tecnocrática Popular de Vinnland pelas forças combinadas dos territórios unidos da Europa*. Por mais de 300 anos, os povos de Vinnland têm sido reprimidos por seus governantes corrompidos. Sua história foi erradicada, sua cultura pisoteada sob a bota do capitalismo e imperialismo americano. Muitos foram conduzidos para o oeste e colocados em ‘reservas’. Outros foram obrigados a abandonar suas antigas práticas e a integrar-se à sociedade do opressor capitalista. Além disso, foram violentamente forçados a se converter ao cristianismo, abandonando suas crenças nos Æsires e forçados a acreditar em uma mentira monoteísta. Mas a força do sangue de Vinnland, povo de pele pálida e cabelos pretos, está espalhada por todas as terras da América. Eles vivem de forma despercebida entre nós e esperam o dia em que possam recuperar o país que é legalmente deles e que tanto amam. Sob a liderança do destemido Peter Steele, a Frente Unida dos Povos de Vinnland [UVPF] (disfarçada como a banda Type O Negative) espalha sua mensagem de paganismo, amor à natureza e ideais políticos socialistas à população nativa de Vinnland. As campanhas estão em curso desde 1989 para informar, educar e converter muitos jovens em Vinnland e na Europa aos ideais do povo vinlandês e a libertação gloriosa que está por vir. Na tentativa de erradicar a ocupação capitalista, a UVPF está agora reforçando o apoio dos europeus para ajudá-los em seus esforços. Em breve, os Territórios Unidos da Europa combinarão suas forças e navegarão pelo frio oceano Atlântico para ajudar seus irmãos necessitados. Será uma batalha longa e difícil, mas os vinlandeses são orgulhosos e fortes, e prevalecerão na libertação de seu país. Por uma Vinnland livre!”]. Texto original disponível em: <https://web.archive.org/web/20170830004718/https://www.vinnland.info/the-people.html>. Acesso em: 18/07/2020.

pesquisa que teria se utilizado da avaliação de material genético de alguns poucos indivíduos em uma tentativa de mapear a ascendência da população da região. O resultado, segundo aponta o autor, indicaria uma preponderância de influência genética não apenas europeia na população cearense, mas especificamente escandinava:

“Nós mostramos nessa pesquisa que o português trouxe pra cá [sic] o gene escandinavo. Aparece [no resultado] o gene ‘fennoscandia’, e dentro dele está a população viking. Quem trouxe esse gene pro [sic] Brasil? Os vikings? Não, foram os ibéricos. E essa pesquisa vai até milhares de anos atrás”.⁷⁴

Toda a metodologia dessa pesquisa é questionada e acusada de ser tendenciosa. Por exemplo, foi utilizada uma amostragem muito pequena na coleta de material genético – apenas 160 indivíduos para uma população de cerca de 9 milhões que compõe o estado do Ceará –, a falta de aleatoriedade na coleta do material e a inexistência de uma revisão por pares dos resultados finais. O livro é acusado de defender um discurso de branqueamento da população ao ignorar elementos como o indígena e negro na composição da população em questão. Contudo, fica o questionamento: na construção desse discurso de exaltação a uma ancestralidade branca e europeia, por que “vikings”?⁷⁵

⁷⁴ Para mais informações ver a matéria “Apagou negros e índios: estudo irrita cientistas ao ligar cearense a viking”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/08/11/o-cearense-e-viking-estudo-reduz-carga-genetica-de-negro-e-indigena-no-ce.htm>. Acesso em: 14/08/2020.

⁷⁵ Processos de construção de discursos de branqueamento como esse em território brasileiro não são uma novidade. Podemos citar como um exemplo emblemático a construção da imagem dos bandeirantes como parte de um mito de etnogênese paulista do estado de São Paulo (mas principalmente vinculado à capital) no início do século XX. Segundo esse mito fundador, diferentemente das demais regiões do Brasil, o povo paulista pertenceria a uma outra estirpe de ascendência ibérica, aos portugueses da raça heroica pré-1580. Localizada no topo da Serra do Mar, São Paulo estaria protegida do litoral e da indolência portuguesa pós-1580 – que não tendo uma resistência geográfica, como a que ocorre no caso paulista, se espalharam pelo restante do território brasileiro. Criando assim duas raças distintas no país: de um lado, fruto dessa miscigenação litorânea, o brasileiro e do outro, em São Paulo, a raça heroica portuguesa que se mescla ao indígena (que não seria lascivo e indolente como os nativos do litoral) e onde não há a presença do negro como elemento principal. O que irá gerar uma raça muito mais adaptada ao meio ambiente e ao território do interior brasileiro, mais audacioso; elementos basilares do protótipo do bandeirante mítico do imaginário paulista evocado nas celebrações do quarto centenário da cidade de São Paulo em meados do século XX. Cf. BERRIEL, Carlos. **Tietê, Tejo, Sena:** a Obra de Paulo Prado. Campinas: Editora Unicamp, 2013. p. 161-187.

Hoje em dia, em lojas online especializadas na venda de bebidas não é raro a venda de hidromel com nomes fazendo alusão ao universo mitológico nórdico, com rótulos ostentando elmos e machados e demais indumentária “viking” e sugerindo utilizar – e vendendo – chifres para bebê-lo. Também não são raros os casos de receitas culinárias que se propõem a reconstituir pratos “vikings” que usam como ingredientes itens que poderiam ser estranhos aos olhos dos nórdicos medievais, como o cominho (*Cuminum cyminum*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*), manjeriço (*Ocimum basilicum*) e até mesmo cerveja tipo pilsen/lager, por exemplo.⁷⁶ De qualquer maneira, é inegável que os “vikings” estão entre nós.

A tendência do meio acadêmico hoje ao tratar sobre o assunto é de reprovação. A atitude possui fundamento quando esses elementos ditos “vikings” na atualidade são expostos à luz da realidade das evidências históricas do período medieval. Entretanto, é justamente nesse ponto que reside o problema da abordagem sobre o tema. Partindo de uma premissa aristotélica de análise, tais manifestações a respeito dos vikings em nossa contemporaneidade tendem a ser abordadas unicamente por meio do dualismo entre o real versus o irreal/fantasiado.

A caracterização das manifestações de elementos “vikings” apontadas neste artigo, por exemplo, acabaria por ser enquadrada como pura fantasia a ser submetida à minuciosa vivisseção acadêmica. Ao fazer isso, o pesquisador teria como seu referencial o contexto histórico medieval e ao não encontrar uma relação clara de continuidade entre o referencial e o objeto de análise passaria a culpar o último como uma farsa e o considerar pura fantasia ou delírio de inspiração histórica. Contudo, o problema de tais análises se encontra no fato dos pesquisadores ignorarem que essa relação não existe.

⁷⁶ O cominho e o alecrim, de origem do Mediterrâneo, seriam plausíveis de terem sido levados ao norte europeu medieval através de trocas comerciais; já o manjeriço seria algo mais difícil uma vez que tem sua origem na África Central e Ásia e é introduzido na Europa a partir do período das grandes navegações, séculos XVI – XVII. Cf. STOBART, Tom. **Ervas, Temperos e Condimentos de A a Z**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. As cervejas tipo pilsen e lager só irão surgir na Europa no final do século XVIII e no século XIX (coincidentemente, quando o simulacro viking romantizado está prestes a nascer). Cf. MORADO, Ronaldo. **Larousse da cerveja**. São Paulo: Alaúde, 2017.

A abordagem tradicional de análise dentro da historiografia sobre essas manifestações a respeito da recepção dos vikings nos dias de hoje, a nosso ver, se tornou ineficaz por se utilizar de uma metodologia que ignora que seu objeto de análise opera em uma lógica interna que cria suas próprias realidades históricas nas quais elas são absolutamente “verdadeiras”, ainda que pareçam “falsas” ao escrutínio do contexto histórico medieval às quais são comparadas, e o fato de que uma reconstituição de uma realidade ou veracidade histórica nunca foi almejada em tais narrativas contemporâneas.

Neste sentido, por meio do conceito dos simulacros de Jean Baudrillard em nossa cultura de massa, a abordagem sobre o assunto se torna mais viável. Em primeiro lugar, é necessário estabelecer que o trato na análise dos vikings no medievo não pode ser o mesmo dado ao simulacro baudrillardiano como utilizado aqui aos “vikings”. Ainda que exista uma relação de “território e mapa” entre ambos, há muito o “mapa” sobre os vikings se tornou independente para criar suas próprias realidades. Portanto, o primeiro passo de suma importância seria a aplicação da máxima do trabalho histográfico: contextualização.

Podemos assim identificar que no século XIX surgem idealizações românticas a respeito do passado dos povos germânicos que leva a uma idealização sobre os vikings. Processo que leva à construção de um simulacro, aos moldes de Baudrillard, e que passa a simular uma realidade envolvendo tanto o ideal sobre vikings quanto sobre outros povos bárbaros do norte europeu. O simulacro viking romantizado, como assim o chamamos, atua por meio de uma simulação que atende às demandas do contexto histórico do momento com uma agenda sócio-política nacionalista – com idealizações de civilização, ordem, tradição, honra – ímpetus imperialistas e mesmo coloniais e que por fim ganha elementos raciais e vinculados ao nazismo, no século XX.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, a simulação romântica na qual o simulacro sobre os vikings atuava perde força, se esmaece. Contudo, o interesse por eles ainda existe. Isso dá a oportunidade para que o simulacro continue a existir. Surge o que chamamos de simulacro “neo-viking”, por meio de uma simulação que – mesmo com alguns elementos em concordância aos de sua antecessora – atua no campo da busca de liberdade individual, seja frente a

opressão do cotidiano do mundo profissional do século XX e XXI ou alinhado à uma agenda sócio-política tanto para manifestações religiosas (neopaganismo) quanto ideológicas (supremacistas brancos, por exemplo).

A partir desse novo referencial de abordagem metodológica, acreditamos que a análise sobre o tema se torne muito mais produtiva e abra a possibilidade para novas propostas e novas pesquisas mais complexas. De maneira alguma isso enfraqueceria o rigor do meio acadêmico, mas iria redirecionar sua abordagem no intuito de torná-la ainda mais criteriosa, e, ao invés da simples identificação entre “vikings certos” e “vikings errados”, operar sob a ótica da contextualização com “vikings medievais” e “vikings contemporâneos”.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BERRIEL, Carlos. **Tietê, Tejo, Sena: a Obra de Paulo Prado**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

BIRRO, Renan M. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a Era Viking. **Revista Nearco**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 228-254, 2013.

BREMEN, Adam. **History of Archbishops of Hamburg-Bremen**. Tradução de Francis J. Tschan. Nova York: Columbia University Press, 2002.

BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. Abington: Routledge, 2008.

CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di. **The Militant Middle Ages: Contemporary Politics between New Barbarians and Modern Crusaders**. Boston: Brill, 2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CRICHTON, Michael. **Devoradores de Mortos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FRANK, Roberta. The Invention of the Viking Horned Helmet. *In*: DALLAPIAZZA, Michael; HANSEN, Olaf; MEULENGRACHT-SØRENSEN, Preben; BONNETAIN, Yvonne S. **International Scandinavian and Medieval Studies in Memory of Gerd Wolfgang**. Trieste: Edizioni Parnaso, 2000.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALSALL, Guy. **Barbarian Migrations and the Roman West (376 - 568)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914 - 1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

IBN FADLAN, Ahmad. **Viagem ao Volga**. Tradução de Pedro Martins Criado. São Paulo: Carambaia, 2019.

JONES, Gwyn. **The Norse Atlantic Saga**. Londres: Oxford University Press, 1964.

KRÜGER, Jana. **"Wikinger" im Mittelalter: die Rezeption von víkingr m. und víking f. in der altnordischen Literatur**. Berlin: De Gruyter, 2008.

LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and Legend. In: SAWYER, Peter. **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

MEDEIROS, Elton O. S. Mito e História no Campo de Batalha: Apropriação e Interpretação do Passado pelo Medieval e como História Nacional. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 29-59, 2014.

MEDEIROS, Elton O. S. O que *Beowulf* tem a ver com Cristo? Reflexões sobre abordagem e problemática metodológica. **Revista Signum**, v. 20, n. 1, p. 135-162, 2020.

MEDEIROS, Elton O. S. *Dinamarqueses, Daneses ou Vikings?* Problemas Metodológicos e Identitários na Alta Idade Média Inglesa. **Roda da Fortuna**, 2021 (no prelo).

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: Edusc, 2004.

MORADO, Ronaldo. **Larousse da cerveja**. São Paulo: Alaúde, 2017.

MUCENIECKS, André. Notas sobre o termo *viking*: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia**, Natal, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2010.

ORCHARD, Andy. **The Elder Edda: A Book of Viking Lore**. Londres: Penguin, 2011.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Maurício da Cunha. 'Hail Arminius! O Pai dos Alemães!': a construção mítica da Unificação Alemã entre 1808 e 1875. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 330-355, 2017.

STOBART, Tom. **Ervas, Temperos e Condimentos de A a Z**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

TÁCITO. **The Agricola and the Germania**. Londres: Penguin, 1970.

WAWN, Andrew. **The Vikings and the Victorians**. Suffolk: DS Brewer. 2000.

Recebido: 01/09/2020
Aprovado: 15/12/2021